

Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional		
Título: DOURO, por António Barreto					Temática: Generalista		GRP: 5.1
2006/11/05	PUBLICO – PRINCIPAL	Pág.9	Imagem: 1/1		Periodicidade: Diária		Inv.: 3937.00



RETRATO DA SEMANA



ANTÓNIO BARRETO

DOURO

Extraordinário vale, este do rio Douro! A sua beleza não necessita de elogios. Seja a beleza natural, seja a que resulta daquele enorme esforço humano necessário à construção dos socalcos e à instalação das vinhas. Apesar de povoada e de muito explorada economicamente, é uma das regiões mais belas do país. Como é uma das mais prezadas regiões vinícolas do mundo.

OSEU CONTRIBUTO PARA A HISTÓRIA do país, da península e do mundo está demonstrado. Tem três itens no Património mundial: o Velho Burgo da cidade do Porto, o coração da Região Demarcada e o parque natural e arqueológico do vale do Cão. Tem seis regiões demarcadas produtoras de vinhos, duas em Portugal (Verdes e Douro e Porto) e quatro em Espanha (Cigales, Toro, Rueda e Ribera del Duero). Foi, durante mais de um século, a principal rubrica da exportação portuguesa e uma das principais fontes de receitas do Estado. É ali feito o produto português mais conhecido no mundo.

CELEBRA-SE ESTE ANO O 250º aniversário da demarcação pelo governo de Pombal. Foi em 1756, no mesmo ano em que nasceu Mozart, imagina-se? Há vários meses que se sucedem as manifestações alusivas. Muita gente tem aproveitado para estudar e aprender. Outros para editar e publicar. O Douro é seguramente a região do país sobre a qual mais se escreveu desde há séculos. Há dias, o *Ilha de xisto*, de Manuel Carvalho (que teve a honra de prefaciá-lo), surgiu como o mais actual guia da região. Ao mesmo tempo, Gaspar Martins Pereira vai marcando com a sua sabedoria um intenso programa editorial e museológico. O Museu do Douro, o Instituto dos Vinhos do Porto e do Douro e a Casa do Douro e respectivas Confrarias deram o seu contributo. As Câmaras da região não faltam à festa.

SERIA BOM QUE AS COMEMORAÇÕES servissem para alguma coisa, não apenas para fazer discursos vácuos. Seria

O vinho é uma das mais evidentes vocações económicas e ecológicas portuguesas. E o Porto a sua maior jóia. Eis por que o Douro é também um caso: o da necessidade da autoridade nacional capaz de resistir às mitologias da globalização

bom que se percebessem as razões pelas quais a demarcação foi indispensável à preservação de um produto único, ao melhoramento da sua qualidade, à longevidade de uma tradição e até à modernização de um sector produtivo. É curioso ver como a demarcação viveu e sobreviveu a todos os regimes políticos e sistemas económicos. Os ditadores (Pombal, Franco e Salazar) ocuparam-se (e bem) da demarcação. O livre comércio e o proteccionismo tiveram de viver com ela. O corporativismo e a democracia também. Mas a globalização e a União Europeia têm dificuldades. Ou antes, inspiram ameaças. Tantas quanto as que têm origem nos nossos governos das últimas décadas.

EM BRUXELAS E NA ORGANIZAÇÃO Mundial do Comércio, sem que o governo português reaja com força, ataca-se a demarcação e a marca de origem, como se viu recentemente nas negociações com a África do Sul e os Estados Unidos. De Espanha e de Bruxelas, chegam invenções, como a que consistiria em criar uma única designação, Douro,

do Porto até Burgos ou Valladolid. Na região, embora ainda em surdina, já há quem queira fazer "vinhos de gosto internacional", eufemismo para os vinhos iguais aos da Califórnia, da Austrália ou de qualquer sítio, com os processos técnicos e as castas que se usam em todo o mundo. De Lisboa, algures nos ministérios das obras, partem decisões das mais desvairadas, como seja a de construir mais auto-estradas e viadutos a atravessar os vinhedos classificados do Douro superior. No Porto e nas bolsas vai-se processando a concentração de empresas exportadoras, de modo a que se chegou a uma situação nunca vista na história: cinco grupos (dos quais um só português) detêm hoje cerca de 80 por cento do comércio! Nos meios empresariais portugueses, a vontade de vender foi superior à de ficar: a maior parte das grandes empresas nacionais transitaram para as mãos de multinacionais. Nunca deixou de me impressionar a passividade dos capitalistas portugueses!

NO CAMPO, NO MEIO DOS VINHEDOS e nas aldeias, a situação económica e social é difícil. Os preços dos vinhos de média e baixa qualidade estão abaixo dos custos de produção. Os pequenos agricultores (88% das explorações têm menos de 2 hectares) e as cooperativas, com graves deficiências de gestão e de formação profissional, estão falidos ou disfarçam. É verdade que nunca, como nas últimas décadas, se exportou tanto vinho do Porto. Como é certo que os novos produtores de vinhos do Douro ocupam hoje os lugares cimeiros da qualidade e do prestígio no país. Todos os dias surgem produtores engarrafadores que só há vinte ou trinta anos têm a liberdade de fazer e comercializar os seus vinhos. Mas isso não impede que a situação social e económica da maioria seja muito difícil, agravada, aliás, pela destruição do edifício institucional. Os durienses não têm hoje quem os defenda ou quem os represente.

HÁ DUAS DÉCADAS QUE O GOVERNO exhibe, pelo Douro, um enorme desinteresse. Quando, excepcionalmente, pareceu preocupar-se, ainda estragou mais, sendo um dos responsáveis pela paralisação da Casa do Douro e pelo declínio das cooperativas. Esta indiferença tem motivos. Primeiro, o Douro, com a sua população escassa, não dá muitos votos. Segundo, a vinha é de pequena dimensão, apenas 40.000 hectares, menos do que uma dúzia de grandes herdades alentejanas. Terceiro, o vinho do Porto já não é o que era: foi metade das exportações nacionais, hoje não será mais do que um por cento. Finalmente, as autoridades portuguesas têm revelado impressionante subserviência em relação à União Europeia, aos países mais poderosos e aos ditames da globalização liberal. Por outras palavras, justificam a sua passividade com as forças do mercado e a economia aberta. O que não fazem a Espanha, a Itália ou a França, os outros grandes vinhateiros europeus.

MUITAS DAS REALIZAÇÕES DAS comemorações deste ano serviram para que se visse nitidamente que, no mundo do vinho, não há tipicidade, não há marca, nem há qualidade, se não houver disciplina, regras, arbitragem e padrões de produção. E que nada disto haverá se não houver Estado. Tem de ser, evidentemente, um Estado moderno a agir através da lei e não um governo metedico e demagógico, nem um Estado ausente e desinteressado. O vinho é uma das mais evidentes vocações económicas e ecológicas portuguesas. E o Porto a sua maior jóia. Eis por que o Douro é também um caso: o da necessidade da autoridade nacional capaz de resistir às mitologias da globalização e da desregulamentação. A falência da demarcação e da disciplina seria crime sem perdão. ■

CARLA CARVALHOTOMÁS

